12 000 ANOS DE HISTÓRIA

ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

12 000 ANOS DE HISTÓRIA

ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL



Realização





Patrocínio



Ministério da Cultura



12000 ANOS DE HISTÓRIA:

ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

SÉRIE CATÁLOGOS DAS EXPOSIÇÕES, 4

O Museu da UFRGS, museu universitário de caráter multidisciplinar, tem a proposta de pesquisar, difundir e valorizar o patrimônio cultural da UFRGS. Em sentido amplo, esse patrimônio cultural compreende também o repertório intelectual/cultural produzido na universidade ou por ela tematizado. Sendo assim, o Museu da UFRGS não mantém uma exposição de longa duração com seu acervo, composto de imagens sobre a história de Porto Alegre e do RGS e imagens e documentos sobre a história da UFRGS.

As exposições do Museu são realizadas com os diversos grupos de pesquisa da universidade ou de outras instituições. O Museu, através de sua equipe técnica, compõe a curadoria e tem como proposta construir exposições de caráter interdisciplinar, onde diferentes áreas do saber podem construir juntas uma narrativa museológica, aliando conhecimento, prazer e fruição.

Este livro/catálogo foi organizado e produzido pela equipe do Museu a partir de processos museológicos desencadeados no contato com as pesquisas e acervos do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPArq/UFRGS) e Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia (MUAE/UFRGS). Além de reproduzir a exposição, amplia e aprofunda o conteúdo e tem o cuidado de constituir-se em uma ferramenta didática. É um instrumento de divulgação científica, permanecendo para além da exposição.

Através da parceria entre o Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, O Núcleo de Pesquisa Arqueológica da UFRGS (NUPARQ), e a Sociedade Brasileira de Arqueologia, a UFRGS apresenta para o público a Exposição "12000 anos de História: Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul".

A exposição por meio de uma linguagem contemporânea e, tendo como inspiração o ofício do arqueólogo, busca despertar o interesse do público para o contato, apropriação e proteção do patrimônio arqueológico dos povos que constituíram nosso território, mostra a História pré-colonial do Rio Grande do Sul, contada através das sucessivas migrações humanas para o nosso estado, das relações desses migrantes com os grupos já existentes, bem como dos novos padrões culturais adotados como respostas adaptativas aos diversos ambientes.

Os visitantes poderão conhecer um pouco sobre as três ondas migratórias: a primeira constituída de populações caçadoras e coletoras que se estabeleceram nas barrancas do rio Uruguai e se espraiaram através dos rios Ibicuí e Jacuí ocupando quase todo o Estado; a segunda, possivelmente, da Amazônia ou do centro do país, populações horticultoras/agricultoras dos troncos linguístico Tupi-guarani e Macro-Jê que colonizaram as margens dos grandes rios, a planície litorânea e o planalto das araucárias; e a terceira começou com a colonização europeia e sua história perdura até o hoje.

Ao promover esta exposição o Museu da UFRGS e o Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas cumprem com a missão social de uma Universidade pública ancorada nos princípios básicos de ensino, pesquisa e extensão através da gratuidade da visita a todos, da preocupação com a acessibilidade, da formação de professores através de cursos e de material didático produzido para os mesmos, do espaço para atuação de docentes e de discentes, buscando cumprir os desafios de um Museu Universitário contemporâneo.

Carlos Alexandre Netto
REITOR



Todos os seres humanos experimentam a passagem do tempo. Um indivíduo tem um tempo vital de aproximadamente 80 anos. Essa pessoa, através das recordações de pais e avós, pode conhecer, mesmo de forma indireta, períodos de tempo anteriores, remontando a uma ou mais gerações. O estudo da História dá acesso a centenas de anos do tempo escrito. A Arqueologia revela uma história quase inimaginável de milhares e, inclusive, alguns milhões de anos do passado humano.

As pesquisas arqueológicas realizadas no Rio Grande do Sul resgatam uma História de 12000 anos, portanto, muito antes da conquista europeia. Esta exposição aborda aquelas sucessivas migrações humanas para o nosso território, as relações destes migrantes com os grupos já existentes e a diversidade de culturas surgidas em épocas variadas como respostas adaptativas aos diferentes ambientes. Compreender as mudanças espaço-temporais em uma escala cronológica ampla, muito anterior aos tempos históricos, é muito difícil, entre outras razões, pelo imenso espaço de tempo que separa o trabalho dos arqueólogos da vida daqueles grupos. As datas mencionadas são resultado da aplicação do método estratigráfico e de datações radiocarbônicas representadas em anos. A abrangência espacial dos povos pré-coloniais confunde-se com a de estados e países modernos, ultrapassando as atuais fronteiras políticas.

A Pré-história do nosso estado começou há 12000 anos com a chegada dos desbravadores que no sudoeste atravessaram o rio Uruguai e rapidamente se espalharam por quase todo o território, ocupando os abrigos das escarpas do planalto, construindo sambaquis no litoral, elevando pequenos cerros nas margens das lagoas do sudeste, edificando casas subterrâneas nas terras altas do nordeste e construindo grandes casas em aldeias a oeste, na campanha missioneira. A conquista europeia encerra o mais longo capítulo da História do Rio Grande do Sul e dá a conhecer vários grupos indígenas históricos, entre eles os então denominados Guarani, Kaingang, Charrua e Minuano, possíveis descendentes daqueles desbravadores.

A exposição "12000 anos de História. Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul" é uma síntese dos conhecimentos produzidos em estudos científicos, sujeitos à permanente discussão e que geralmente ficam restritos ao âmbito acadêmico. Seus objetivos terão sido alcançados se o enorme esforço que resultou no planejamento, pesquisa, montagem e abertura desta mostra contribuir para divulgar e valorizar junto a um amplo público o passado das populações indígenas e incluí-las na História nacional.

Arqueóloga Dra. Silvia Moehlecke Copé

CURADORA

COMO MEDIMOS A PASSAGEM DO TEMPO?

Durante a nossa vida, observamos a passagem do tempo através da alternância entre o dia e a noite e o ciclo anual das estações. Necessitamos estabelecer uma medida para calcular a passagem do tempo e estabelecer uma cronologia. A maioria dos sistemas humanos de medição é calculada em anos, através da construção de calendários, baseados em eventos cíclicos como os movimentos dos astros (como o sol e a lua). Nossa escala temporal em anos fixa datas a partir de um momento concreto do tempo.

No mundo cristão se usa como convenção o nascimento de Cristo, supostamente ocorrido no ano 1 DC (quando o primeiro calendário foi elaborado não existia na Europa a noção de 0). Assim, foi estipulado que tudo que ocorreu antes do nascimento de Cristo é representado como AC e depois como DC, assim como também AD = Anno Domini.

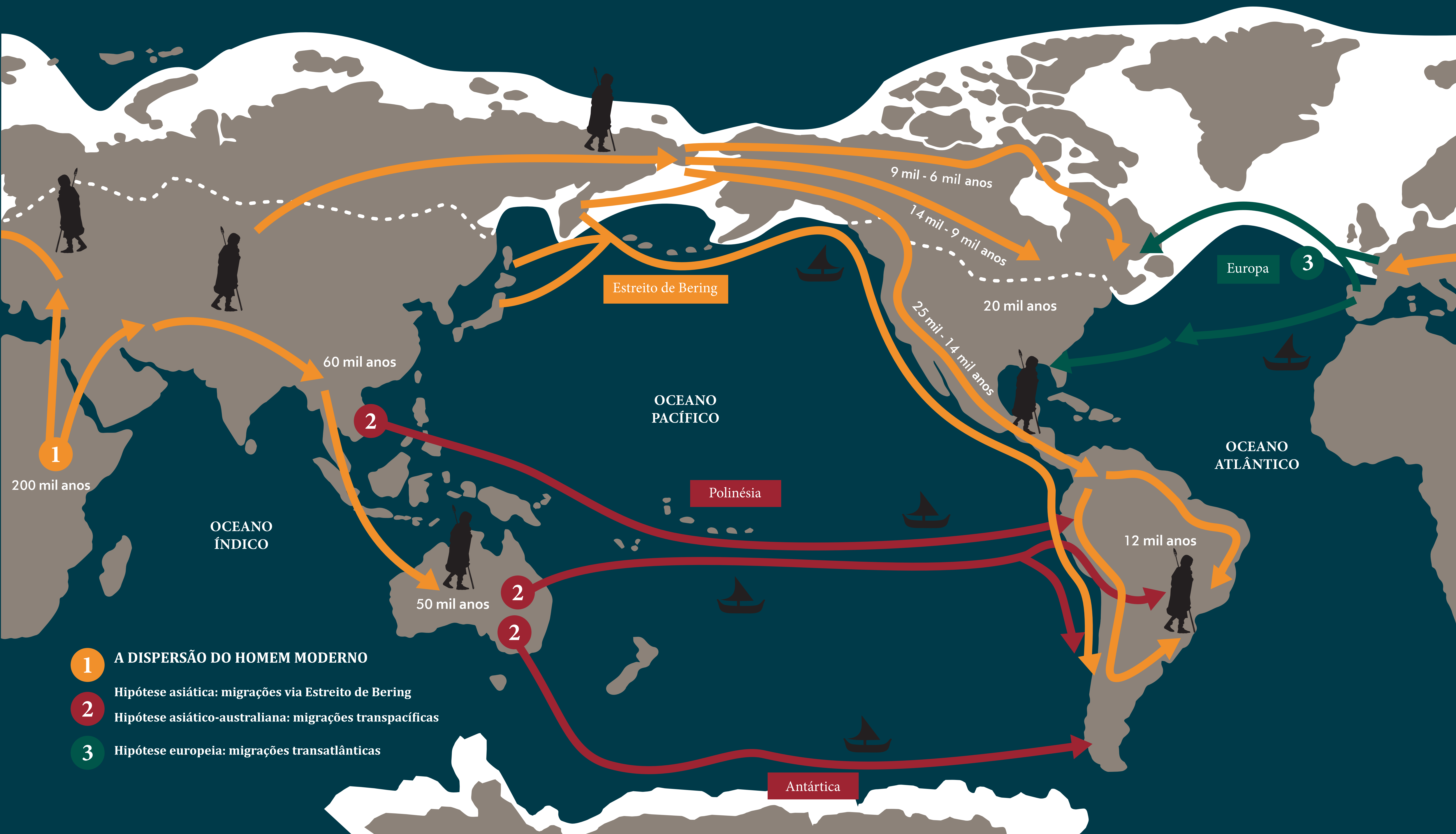
No mundo grego, o momento teórico de partida era a celebração dos Jogos Olímpicos (datados no ano de 776 AC do calendário cristão) enquanto para os muçulmanos o momento básico fixado é a data da saída do Profeta de Meca, a Hégira (no ano de 622 DC do calendário cristão). O início do calendário maia equivale ao ano de 3114 AC do calendário cristão.

Até o fim, da 2ª Guerra Mundial, praticamente as únicas datas absolutas confiáveis eram as históricas. Assim, para conhecer os períodos mais remotos da pré-história era e é usada a datação relativa (que estabelece uma relação – uma ideia de um "antes" e um "depois"), obtida através da estratigrafia que, permite comparações e construções tipológicas, organizando artefatos, sítios arqueológicos e acontecimentos em sequencias como a divisão tripartida dos instrumentos do Velho Mundo, entre os de pedra, os de bronze e os de ferro, feita por Thomsen e Worsaae no século XIX.

Em 1947/49, o químico Willard Libby descobre o método de datação por Carbono 14. Este é um isótopo radioativo instável, que decai a um ritmo perfeitamente mensurável a partir da morte de um organismo vivo. O C14 desintegra-se emitindo radiações beta e a cada 5.730 anos se dividirá por dois (esta divisão é chamada de meia-vida). Segundo alguns especialistas, através deste método obtêm-se datas até 60/70.000 anos e é usado para exclusivamente para materiais orgânicos.

Para datar fósseis antigos de milhões de anos e que contam a história da vida sobre a terra, pode-se usar, entre diversos métodos existentes, o do Potássio-Argônio (cuja meia-vida é 1.300.000 de anos), assim como, para recuar mais ainda no tempo e saber sobre as primeiras rochas que formaram nosso planeta contamos com métodos também baseados na mudança progressiva e cumulativa dos isótopos como o do Urânio 238 (a meia-vida de 4,5 bilhões de anos) que data rochas de bilhões de anos.

Os cientistas, através da obtenção de datas por métodos radioativos e em busca de um sistema internacional independente de qualquer dos calendários antes mencionados, optaram por contar os anos desde o presente = AP, sendo AP = 1950, ano em que Libby descobriu o método de datação radiocarbônico.



9 mil - 6 mil anos
14 mil - 9 mil anos
Estreito de Bering
Europa
3
20 mil anos
25 mil - 14 mil anos
60 mil anos
2
OCEANO
PACÍFICO
OCEANO
ATLÂNTICO
1
200 mil anos
Polinésia
12 mil anos
OCEANO
ÍNDICO
50 mil anos
2
2
Antártica
1 A DISPERSÃO DO HOMEM MODERNO
Hipótese asiática: migrações via Estreito de Bering
2 Hipótese asiático-australiana: migrações transpacíficas
3 Hipótese europeia: migrações transatlânticas

A DISPERSÃO DO HOMEM MODERNO

O homem moderno, o *Homo sapiens*, surgiu na África entre 300.000 e 200.000 anos atrás e se dispersou pelos demais continentes do Velho Mundo, chegando a Oceania e América em torno de 50/40.000 anos antes do presente. Nesse momento estava ocorrendo a última grande glaciação do Pleistoceno, a glaciação de Wisconsin, onde as baixas temperaturas permitiam que espessas camadas de gelo se formassem sobre os continentes. A grande precipitação de neve, decorrência do intenso frio e da evaporação da água dos oceanos, rebaixou o nível dos mesmos e expôs as plataformas continentais e as pontes terrestres hoje submersas, como no Estreito de Bering, que liga a Ásia à América.

Como e por que ocorreu a dispersão do gênero humano pelo planeta não possui uma única e simples resposta. Às evidências arqueológicas acrescem-se as descobertas paleoantropológicas e, mais recentemente, o desenvolvimento da genética, da biologia molecular e da computação eletrônica, na resolução dessa questão e a do povoamento das Américas. Há basicamente três hipóteses sobre quantas ondas migratórias povoaram o continente americano na pré-história e quais as rotas adotadas na migração.

1 HIPÓTESE ASIÁTICA: MIGRAÇÕES VIA ESTREITO DE BERING

A hipótese mais aceita pelos arqueólogos para explicar o povoamento inicial das Américas é a teoria das migrações via estreito de Bering. O estreito de Bering emerso forma um verdadeiro continente, a Beríngia, que os primeiros americanos atravessaram caminhando pelo seu interior e passando por um corredor livre de gelo entre grandes geleiras, que cobriam o norte do continente, seguindo rumo ao sul da América do Norte. Como as espessas camadas de gelo constituíam um obstáculo gigantesco, outra possibilidade é que teriam iniciado a colonização através do litoral, por meio da navegação de cabotagem, isto é, um tipo de navegação no qual se viaja através da costa não a perdendo de vista. De acordo com essa hipótese, os primeiros americanos dominariam a tecnologia de navegação costeira, mas não necessariamente a de navegação em mar aberto. Assim, acredita-se que o deslocamento em direção a América do Sul também teria se dado através de navegação pela costa pacífica, o que explicaria a existência de sítios arqueológicos tão ou mais antigos que na América do Norte.

2 HIPÓTESE ASIÁTICO-AUSTRALIANA: MIGRAÇÕES TRANSPACIFICAS

Essa hipótese possui menos adeptos e não é tão aceita pela comunidade científica, pois os primeiros americanos teriam migrado da Melanésia e/ou do continente australiano através de navegação em mar aberto. Tal hipótese foi levantada a partir dos esqueletos humanos mais antigos encontrados no Brasil, Chile, Colômbia e México, cujas datações remontam há 11.000 A.P., apresentarem características cranianas mais semelhantes a dos atuais africanos subsaarianos e australianos, chamada de morfologia craniana “australo-melanésia” e similar a dos primeiros Homo sapiens que surgiram na África, do que com a morfologia craniana dos povos asiáticos, chamada de morfologia craniana “mongoloide”.

3 HIPÓTESE EUROPEIA: MIGRAÇÕES TRANSATLÂNTICAS

Essa hipótese para o povoamento inicial da América é mais recente e ainda não é muito aceita na comunidade científica. De acordo com esse modelo, os primeiros povoadores da América teriam migrado da Europa para a América do Norte, por volta de 20.000 A.P. Essa hipótese foi levantada devido à semelhança estilística entre os artefatos líticos encontrados na costa leste dos Estados Unidos da denominada cultura Clóvis, com a indústria lítica muito bem definida estilisticamente da cultura Solutrense, que existiu no norte da Espanha e da França entre 26.000 e 19.000 A.P..

AS TRÊS ONDAS MIGRATÓRIAS DO RS

A história da ocupação do Rio Grande do Sul pode ser contada através de três grandes ondas migratórias.

A PRIMEIRA ONDA MIGRATÓRIA chega ao estado por volta de 12.000 A.P. sendo representada por grupos de caçadores e coletores que viviam de forma igualitária em pequenos bandos dispersos por diversas áreas. Inicialmente a ocupação restringe-se ao oeste gaúcho, mas com o tempo e conforme mudanças climáticas alteravam o clima, a fauna e a flora do estado, outras regiões tornaram-se atrativas. Assim, a partir de 10.000 A.P., os grupos que se encontravam exclusivamente sobre as imediações do rio Uruguai e seus afluentes tem a sua disposição toda a imensidão pampiana. Nessa época, seguindo o curso dos grandes rios, passaram a habitar os abrigos sob rocha da encosta do planalto, sendo que por volta de 6.000 A.P. começam a habitar os campos de cima da serra e o litoral. A cultura material dos mais antigos habitantes do Rio Grande do Sul é marcada por uma indústria lítica de larga escala, na qual se destacam as pontas de projétil. Por volta de 4.000 A.P. começam a ser construídos os sambaquis no litoral norte, destacando-se os instrumentos confeccionados sobre ossos e pedra polida, incluindo os artísticos zoólitos. Em 3.000 AP., no litoral sul e no sudoeste gaúcho edificam os cerritos, construções arquitetônicas de terra junto às áreas alagadiças. A partir de 2.500 A.P., os habitantes dessa região incorporam a cerâmica aos demais utensílios.

A SEGUNDA ONDA MIGRATÓRIA chega ao estado por volta de 2.000 A.P., representada por grupos falantes das línguas Tupi-Guarani e Macro-Jê, sendo o primeiro oriundo da Amazônia e o segundo do planalto central brasileiro. Esses grupos são caracterizados por maior sedentarismo, vivendo em aldeias fixas, nas quais praticavam a agricultura/horticultura. Apresentam indícios de constituírem sociedades complexas emergentes. Como inovação tecnológica surge a cerâmica, que é produzida em larga escala, destacando-se as grandes urnas funerárias dos Guarani. Os grupos Jê, por sua vez, destacam-se por sua complexa engenharia de terra com a construção de casas semissubterrâneas, montículos funerários e grandes estruturas anelares cerimoniais.

A TERCEIRA ONDA MIGRATÓRIA é do conquistador europeu, que altera radicalmente o modo de vida das populações nativas. Relatos históricos mencionam os inúmeros conflitos entre as populações nativas e os colonizadores, ocorrendo o genocídio dos Charrua e Minuano, enquanto o Guarani e os Jê são absorvidos pela cultura do europeu. Hoje seus descendentes encontram-se em aldeamentos indígenas localizados em diferentes lugares do Estado.





10 ocupação histórica

9 horticultores ceramistas (2000 AP)

8 sem ocupação humana

7 pescadores e coletores do litoral (4000 AP)

6 sem ocupação humana

5 caçadores e coletores do holoceno (8000 - 6000 AP)

4 sem ocupação humana

3 sem ocupação humana

2 caçadores e coletores do final do pleistoceno (12000 - 9000 AP)

1 base rochosa

A ESTRATIGRAFIA

É o estudo da estratificação, ou seja, a forma como os sedimentos (minúsculos fragmentos de rocha) acumulam-se e depositam-se uns sobre os outros em camadas ou estratos. Seu princípio fundamental é o da sobreposição, no qual os estratos/camadas que se depositaram primeiro são mais antigos que os superiores. A leitura das camadas sobrepostas (sequência estratigráfica) permite estabelecer uma cronologia relativa para o sítio arqueológico, bem como, elementos para o entendimento de seu processo de formação.

Como o que queremos estudar não são os depósitos em si, mas os materiais criados pelo homem – artefatos, estruturas, restos orgânicos – que nos revelam as atividades humanas do passado no sítio arqueológico, devemos ressaltar a ideia de associação. Os objetos associados num mesmo depósito arqueológico foram enterrados juntos e são contemporâneos, pertencendo ao mesmo período de deposição.

PÁGINA ESTENDIDA MEIO DO SEGUNDO CADERNO DE 12 PÁGINAS

Caçadores coletores do Planalto das Araucárias

PRIMEIRA ONDA MIGRATÓRIA

Fase Ibicuí

Fase Uruguai

Caçadores coletores dos Pampas

extinção da megafauna

12.800 12.600 12.400 12.200 12.000 11.800 11.600 11.400 11.200 11.000 10.800 10.600 10.400 10.200 10.000 9.800 9.600 9.400 9.200 9.000 8.800 8.600 8.400 8.200 8.000 7.800 7.600 7.400 7.200 7.000 6.800 6.600 6.400 6.200 6.000 5.800 5.600 5.400 5.200 5.000 4.800 4.600 4.400 4.200 4.000 3.800 3

PALEOÍNDIGENA





Pontas de projétil

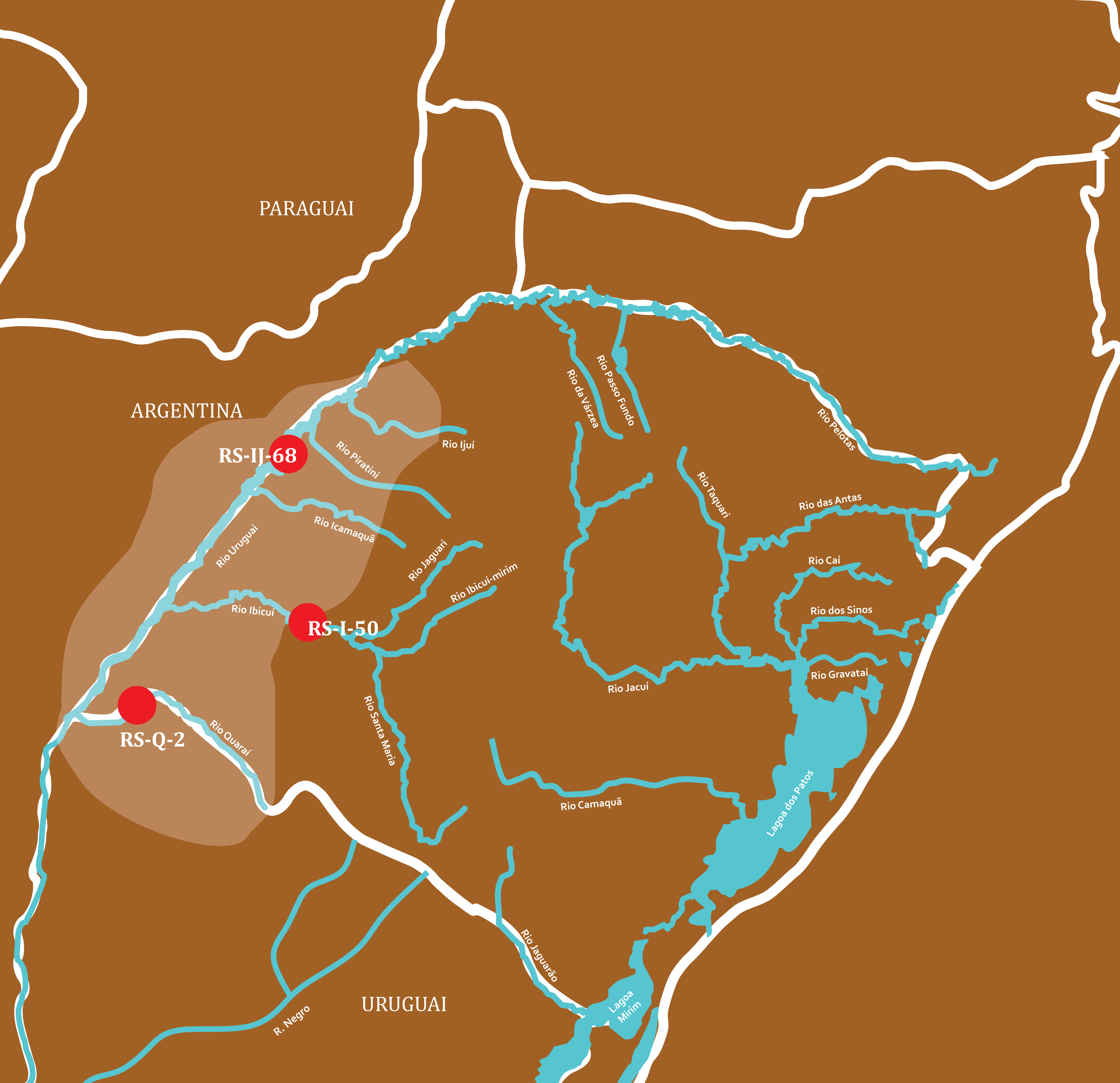
Acervo MUAE

A CHEGADA DOS PRIMEIROS HABITANTES

Há doze milênios, bandos de caçadores e coletores nativos das savanas sul-americanas davam seus primeiros passos sobre um vasto e inexplorado território, que muitos milênios depois viriam a originar o Estado do Rio Grande do Sul. Esses nômades aventureiros desbravaram terras geladas e ignotas e as marcas deixadas por eles estão registradas às margens do Rio Uruguai e seus afluentes no oeste gaúcho, entre os municípios de Quaraí, Uruguaiana, Alegrete e São Borja. São sítios arqueológicos a céu aberto representando, possivelmente, acampamentos temporários ou locais onde diversos trabalhos artesanais eram realizados. Suas ferramentas de pedra lascada eram compostas por raspadores, talhadores e lascas, destacando-se as pontas de projétil.

Durante os três primeiros milênios decorridos desde a sua chegada (12000 – 9000 AP), esses desbravadores dispersaram-se desde o oeste gaúcho, através da rede hidrográfica da depressão central, até os contrafortes do planalto, buscando os abrigos sob-rocha junto aos rios Taquari, Caí e dos Sinos, tributários do Rio Jacuí. A longa e exclusiva permanência nessa região se deu, provavelmente, em virtude de condições ambientais. Quando aqui chegaram, os primeiros povoadores se depararam com um clima bem diferente do atual, caracterizado pelas baixas temperaturas e nevascas frequentes, tornando o centro e o litoral do Estado regiões inóspitas.

Nesse ambiente, além dos animais hoje existentes, viviam outros de maior porte e peso, que estavam adaptados ao clima frio e às paisagens de ervas altas, como as preguiças gigantes, os tatus, hipopótamos, elefantes, camelídeos e cavalos.



Área de dispersão dos sítios arqueológicos da chegada dos primeiros habitantes

Área de dispersão dos sítios arqueológicos dos primeiros habitantes do Rio Grande do Sul, cujas datas variam aproximadamente entre 12.000 a 8.000 A.P. Destaque para os sítios:

RS-I-50: Lageado do Fósseis, localizado no município de Alegrete, datado aproximadamente em 12.700 A.P., havendo associação entre artefatos líticos e um crânio de preguiça gigante.

RS-Q-2: Passo da Cruz, localizado no município de Barra do Quaraí, datado aproximadamente em 12.700 A.P.

Contudo ambos os sítios são problemáticos, e muitos arqueólogos acreditam que não se tratam de sítios formados pela ação humana, mas concentrações de materiais arrastados naturalmente, por ação da chuva e erosão, de outros lugares e depositados naturalmente nas margens dos rios onde se encontram os sítios.

RS-IJ-68: localizado no município de São Borja, por sua vez, é muito bem documentado remetendo a ocupação humano datada aproximadamente em 11.600 A.P.



Laureles, Taquarembó, Uruguai.
Foto: Fábio Del Re



A CONFECÇÃO DOS ARTEFATOS LÍTICOS

Os artefatos líticos (a pedra é a matéria-prima) eram elaborados a partir da percussão de um seixo que possuía a função de batedor/martelo sobre um bloco ou outro seixo de pedra. A partir dessa percussão eram extraídas lascas até a obtenção da forma desejada, que dependia da função que pretendia dar ao objeto. O núcleo (o bloco/seixo original trabalhado) transformava-se no artefato/instrumento principal e as lascas produzidas poderiam ser descartadas ou utilizadas na produção de artefatos como facas, raspadores, perfuradores, pontas de flecha. A habilidade do fabricante e a qualidade do artefato dependiam muito do tipo e da qualidade de matéria-prima disponível.



Raspador
Acervo MUAE











Percutor brando
Usado por pressão para
retocar pontas de projétil.

Acervo MUAE















Bigornas multifuncionais

Acervo MUAE




1


2


3


4


5

1. Pré-formas
2. Lasca retocada
3. Lascas residuais
4. Pontas de projétil
5. Raspador plano-convexo

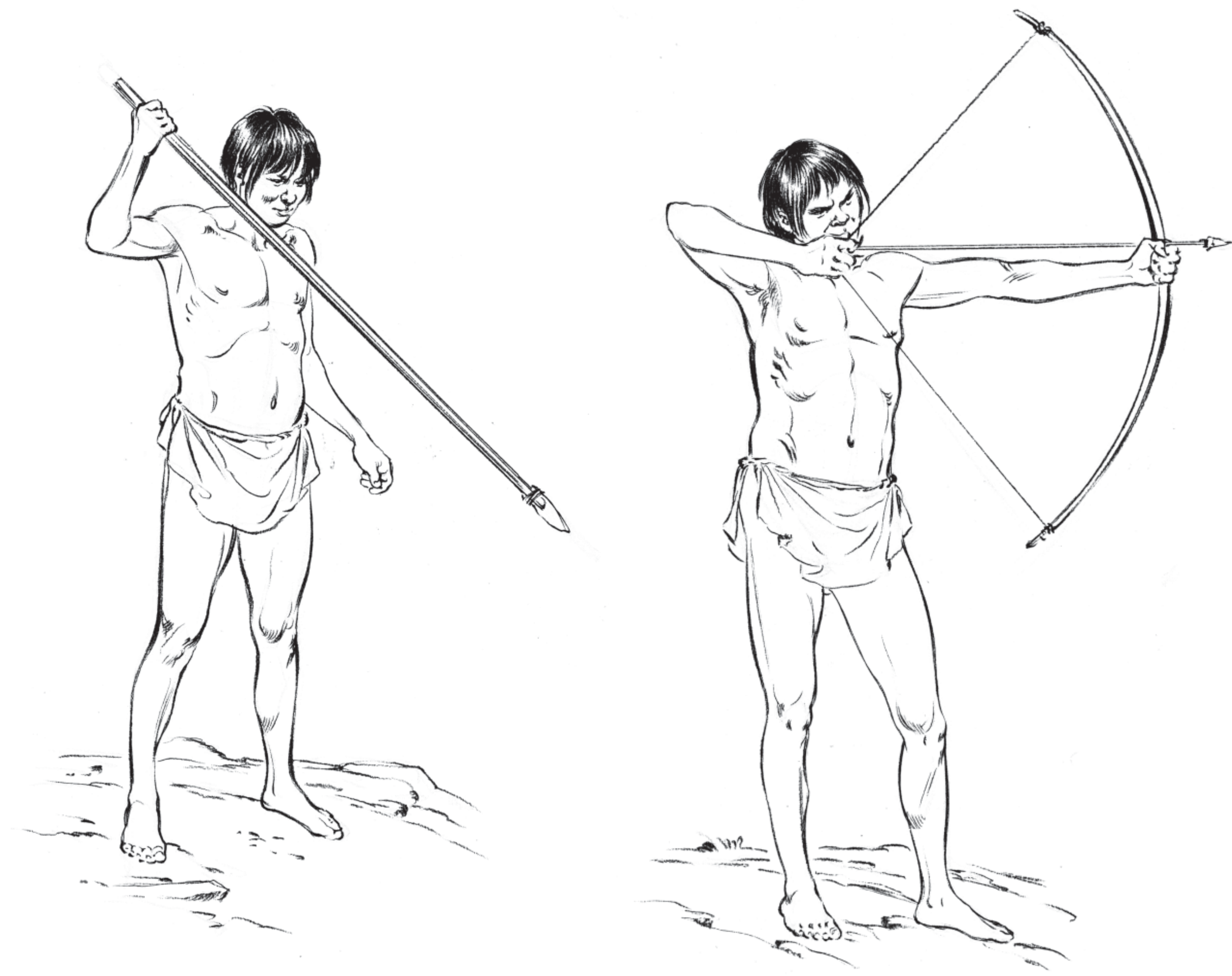
Acervo MUAE

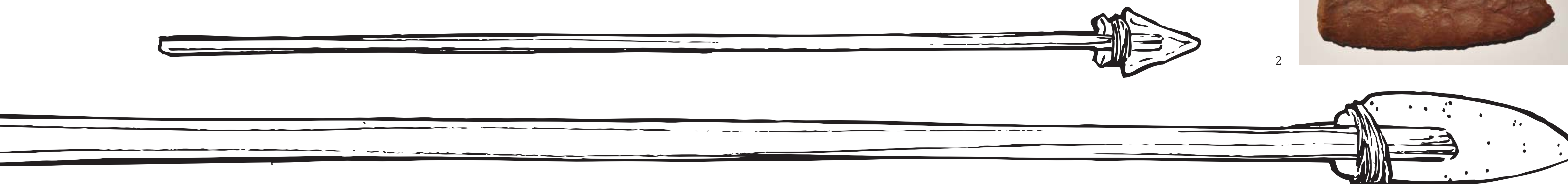


O USO DAS PELES DOS ANIMAIS

As peles e os couros dos animais possuíam vários usos. A utilização mais antiga e comum era no vestuário, como casacos, sapatos, luvas ou chapéus. Uma das funções básicas do vestuário era manter o corpo aquecido. As peles cortadas em tiras serviam para costurar as vestes, fazer recipientes/bolsas para transportar objetos. Também podiam ser utilizadas na construção de tendas e canoas. Para trabalhar o couro e a pele, foram fabricados inúmeros instrumentos como facas para cortá-los, raspadores para separar a gordura do couro, perfuradores, agulhas, etc.







O MODO DE SER CAÇADOR E COLETOR

O seu modo de vida era de caçadores, coletores e pescadores, pois tiravam o seu alimento das atividades de caça de animais selvagens, da coleta de vegetais e frutas silvestres e da pesca. A tecnologia era relativamente simples: confeccionavam pontas de projétil em pedra e/ou ossos para suas lanças, dardos e flechas, facas para cortar a pele e carne dos animais, raspadores e perfuradores para trabalharem a pele, a madeira, os ossos e as fibras vegetais, usados para fazer outros instrumentos ou enfeites.







1





2

0 2 4 cm

1. Pontas de projétil - flecha
2. Pontas de projétil - lança

Acervo MUAE

A MEGA FAUNA

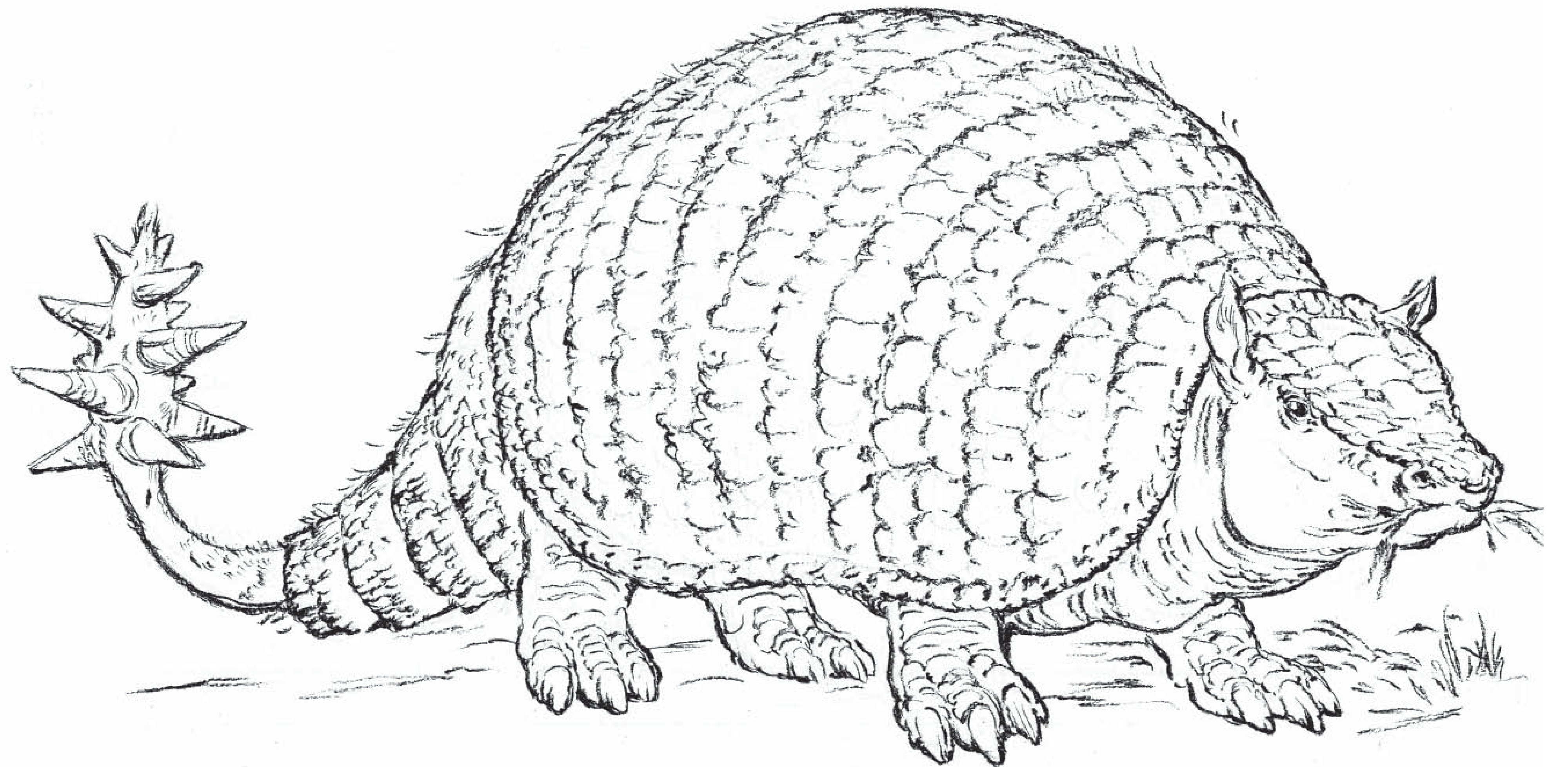
Os primeiros povoadores viveram em um ambiente bem diferente do nosso. O clima era mais frio e seco, e a fauna existente incluía mamíferos, hoje extintos de grande porte - a chamada megafauna.

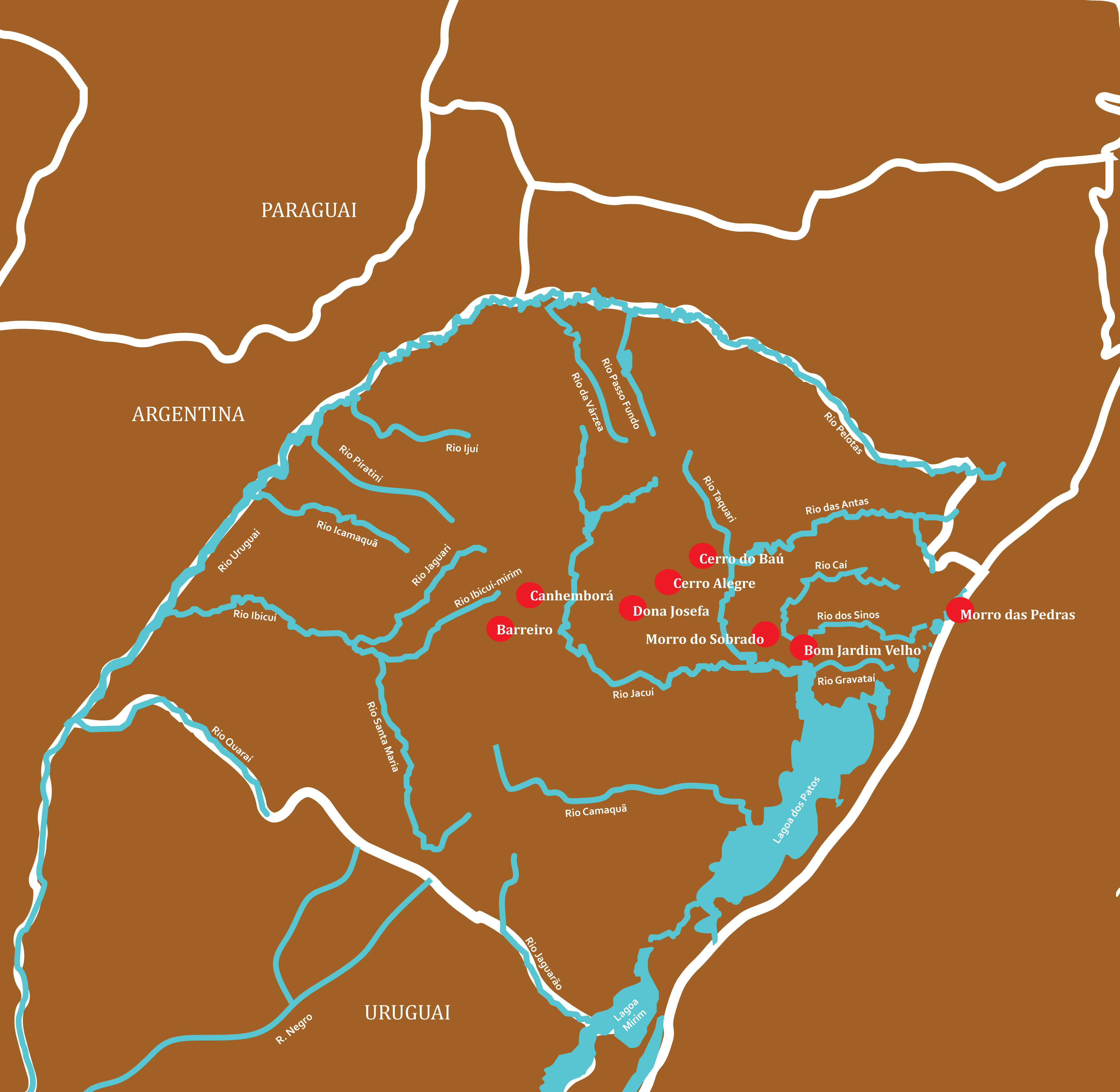
Dentre esses animais destacam-se as preguiças terrícolas gigantes (*Megatherium americanun*, *Scelidotherium leptocephalus*, *Lestodon armatus*, *Glossotherium robustum*); os gliptodontes, animais semelhantes a tatus, porém de carapaça rígida, sendo muito grandes e pesados; os pampatérios, também chamados de tatus gigantes; os mastodontes, parentes dos atuais elefantes; os toxodontídeos, animais semelhantes aos atuais hipopótamos; os macrauquenídeos, animais que pareciam uma mistura entre cavalo e anta; além de uma espécie de felídeo, o *Smilodon populator*, mais conhecido como tigre dentes-de-sabre.

Entre 9.000 e 7.000 A.P., a maior parte dos animais da megafauna desaparecem, com exceção de poucas espécies de menor tamanho que sobreviveu por mais alguns milênios, desaparecendo somente entre 4.000 e 3.000 A.P.

As razões para sua extinção parecem estar relacionadas às profundas mudanças climáticas que entram em curso a partir de 10.000 A.P., alterando o ambiente progressivamente para um clima mais quente e úmido. Em função da alteração do clima, a fauna e a flora vão modificando-se também, ocorrendo a extinção de diversas espécies, dentre elas a dos animais da megafauna.

Além disso, a presença do homem pode ter contribuído para acelerar o desaparecimento da megafauna. Na América do Norte, essa caça parece ter sido mais significativa do que na América do Sul, pois aqui não parece ter se desenvolvido técnicas especiais para o abate de grandes mamíferos. Porém, esses animais podem ter sido caçados pelos primeiros povoadores de forma esporádica, conforme circunstâncias especiais, tais como quando se encontrava um animal ferido ou desgarrado da manada, entre outras possibilidades.





A ARTE RUPESTRE

Ao longo da bacia do rio Jacuí e de seus afluentes, logo antes da subida da serra, existem paredões rochosos e grutas em arenito – uma rocha fácil de ser entalhada. Nesses locais, o homem pré-histórico deixou quase toda a arte rupestre existente no estado do Rio Grande do Sul. Os motivos gravados na rocha são bastante simples: formas geométricas, traços, triângulos e linhas que se cruzam, dificultando saber o que significam.

É muito difícil datar a arte rupestre. Em muitas grutas com motivos gravados, existem artefatos dos primeiros caçadores que povoaram o estado, sendo possível que fossem os autores das gravuras. Em outros casos, há vestígios dos povos Tupi-Guarani e Jê, de modo que não se descarta que alguns deles fossem também responsáveis pelas gravuras.

Um motivo muito freqüente, chamado “tridáctilo”, é formado por três linhas. Elas aparecem às vezes em seqüência, muito semelhantes a pegadas de uma ave. No abrigo de **Canhemborá**, existem raras formas circulares que também se assemelham a pegadas, lembrando talvez as patas de uma onça. Para a maioria das gravuras, entretanto, ainda é impossível compreender seu significado.









Boleadeiras
Região da Campanha RS

Acervo MUAE

OS CAÇADORES E COLETORES DO PAMPA

OS CONSTRUTORES DE CERRITOS

Do oeste gaúcho, seguindo os abundantes recursos existentes nas margens dos rios, nos banhados e lagoas, grupos de caçadores e coletores adentraram os campos sulinos das regiões sul e sudeste do Estado.

Assim como o bioma Pampa, que se estende por 210 mil km², abrangendo toda a metade sul do Rio Grande do Sul e ultrapassando as fronteiras com o Uruguai e a Argentina, esses grupos humanos irão desenvolver um tipo de assentamento, predominante e característico dessa região, denominado aterros ou cerritos (pequenos cerros) sendo construídos em torno de 3000 AP e atingindo seu ápice no ano 1000 AP.

Esses sítios arqueológicos encontram-se nas áreas baixas e alagadiças da planície litorânea, desde o município de Camaquã até Santa Vitória do Palmar e estendendo-se por vários departamentos no Uruguai. No interior acompanham o leito dos rios e arroios, onde muitas vezes se estabelecem em terras secas no topo de colinas ou dentro de banhados dos arroios, como nos municípios de Bagé, Dom Pedrito, Herval do Sul, Jaguarão, Uruguai e Argentina.



Área de dispersão dos sítios arqueológicos construtores de cerritos

RS-170A: Sítio encontrado pelos pesquisadores Pedro Ignácio Schmitz, Guilherme Naue, Ítala Basile Becker, Fernando La Salvia, durante as prospecções na região de Santa Vitória do Palmar entre os anos de 1967 e 1973. Nos cerritos desta região predominam os vestígios de alimentação relacionados a atividades de caça e coleta de frutos. Não há data para este sítio.





Os aterros ou cerritos são montes artificiais facilmente reconhecíveis pelos pesquisadores. Além de representarem elevações na paisagem plana do pampa, também apresentam uma vegetação mais frondosa, devido à grande quantidade de matéria orgânica de que são feitos.

Os diâmetros das bases circulares variam entre 15 a 100 metros, sendo mais frequentes as de 20 a 50 metros. As alturas variam entre 0,5 até 7 metros. Nas suas construções foram utilizadas terras dos arredores. Os aterros podem estar isolados ou em agrupamentos de dois a cinco, e grandes, como no Uruguai, numa área de 1Km^2, contaram-se mais de 40 aterros.

As possíveis razões dessas edificações evoluíram com os crescentes avanços da interpretação arqueológica: seriam unidades residenciais elevadas para fugir das cheias constantes dos rios e das lagoas e, ao mesmo tempo, uma maneira de estar próximos dos recursos da pesca, da caça de animais existentes nas suas margens, da coleta de moluscos e de frutos como Butiá Capitata; ou ainda, essas estruturas serviriam de marcadores territoriais e atividades funerárias.

Aterro encontrado na região de
Santa Vitória do Palmar, RS/Brasil
Altura: 4m

Foto: Pedro Ignácio Schmitz / UNISINOS

AS BOLAS DE PEDRA (AS BOLEADEIRAS)

Além das pontas de projétil que poderiam constituir os dardos, lanças e flechas, encontramos as bolas de pedra, utilizadas na caça como arma de ataque/defesa. As bolas são redondas ou ovoides, lisas ou com um sulco, ou ainda, as chamadas 'mamilonares', com pontas. As bolas e o laço que as prendia popularizaram-se como boleadeiras.

Os povos dos pampas usavam dois tipos bem diferentes de boleadeiras, de uma e duas bolas. A chamada "bola perdida", com apenas uma bola, do tamanho aproximado de um punho fechado, era usada como arma, sendo lançada para atingir a cabeça do inimigo. A boleadeira de duas bolas, também conhecida como nhanduzeira (avestruzeira) é utilizada para caça, especialmente do nhandu ou ema enredando-se nas patas do animal quando lançada. Foi usada, também, pelos índios nas guerras, para enredar as patas dos cavalos montados pelos conquistadores, causando a queda dos dois e possibilitando o ataque e morte do cavaleiro. Evidências indicam que a boleadeira de três bolas - também chamada de Três Marias - foi criada com base na boleadeira dos índios (nhanduzeira) pelos homens do pampa. Ela também tem seu uso principal na caça, sendo utilizada eventualmente na guerra, da mesma forma que a de duas bolas.



Boleadeiras
Região da Campanha RS

Acervo MUAE









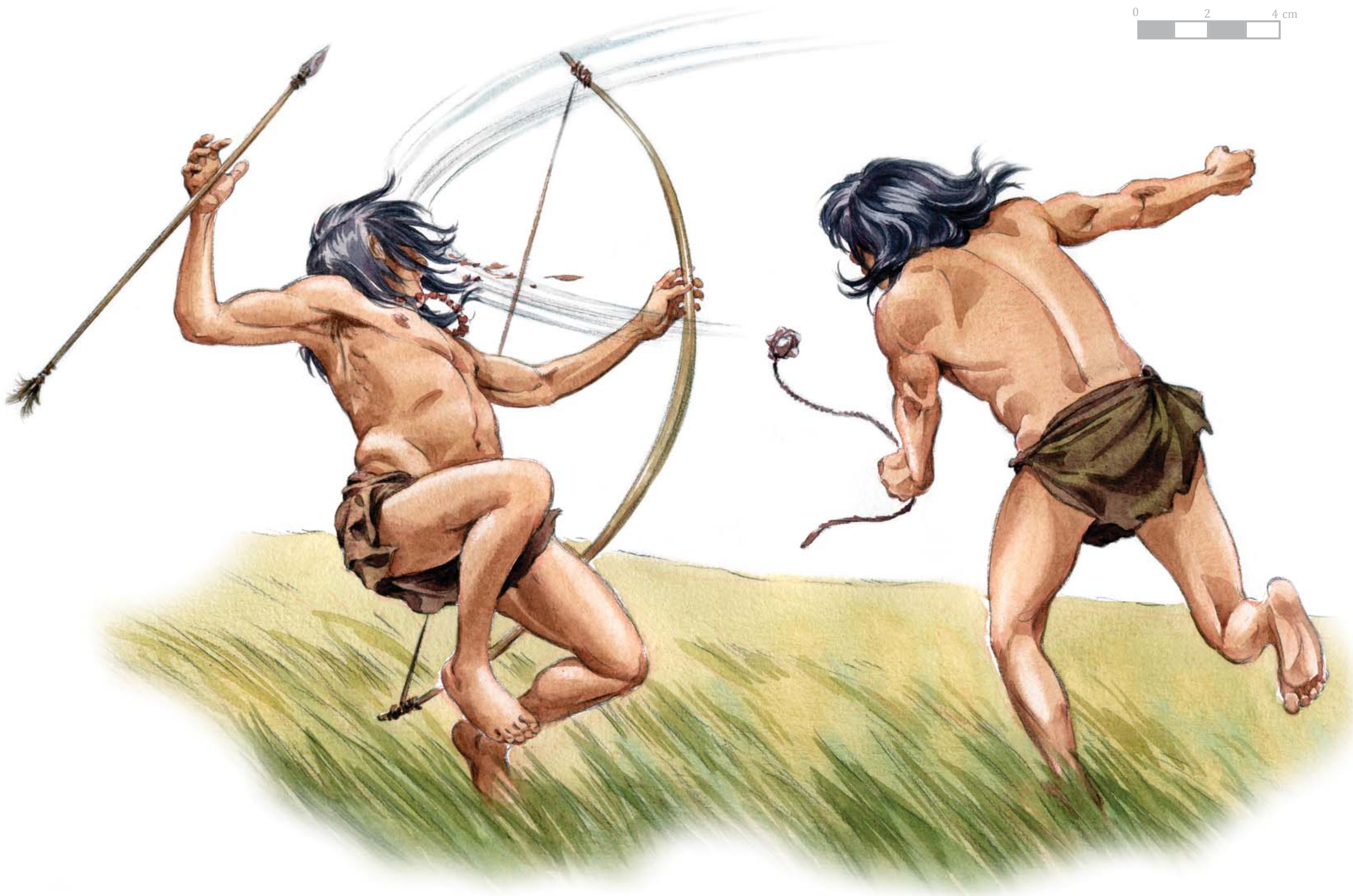












Boleadeiras mamilares
Região da Campanha RS

Coleção Guilherme Naue
Acervo Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS

Boleadeiras mamilar
Região da Campanha RS

Coleção Jorge Jeter Bertoletti
Acervo Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS

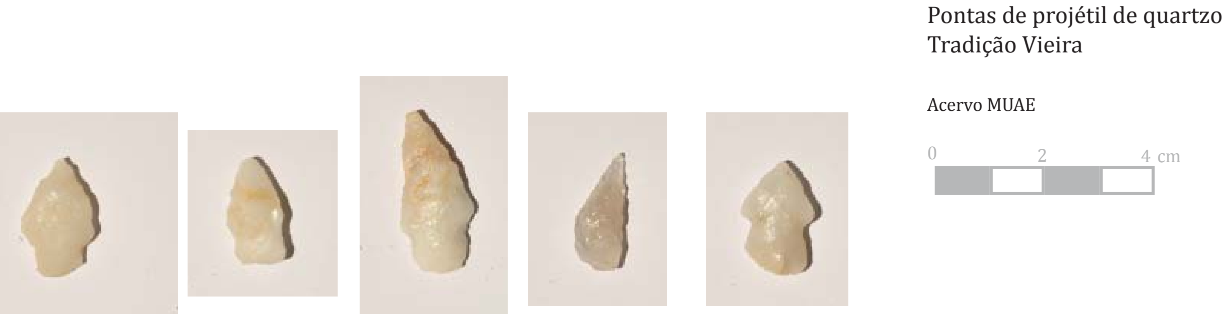
0 2 4 cm







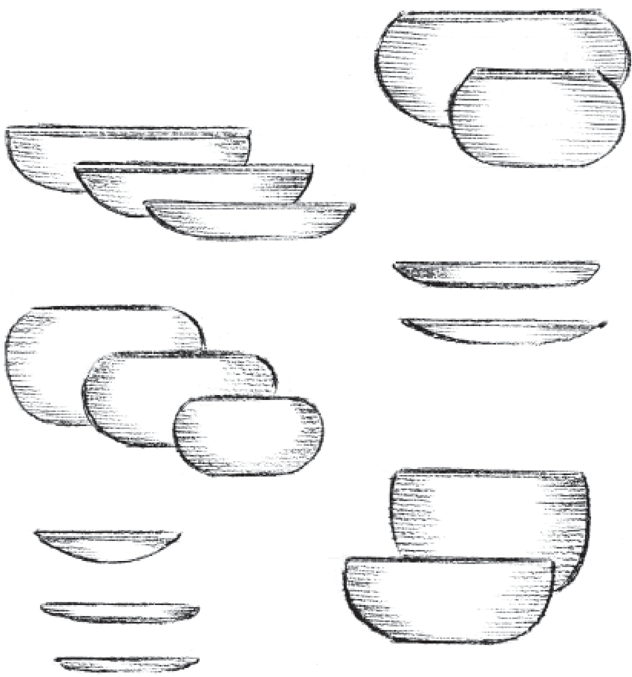
Nos sepultamentos em aterros estão representados os dois sexos, assim como todas as faixas etárias. As oferendas funerárias são compostas por bolas de boleadeiras, quebra-coquinhos, pontas de projétil, contas de colar, núcleos, etc. Corroborada pelas informações etnográficas, a primeira interpretação que se impõe é a da diferenciação social do morto, as mulheres eram enterradas com as contas de colar e quebra-coquinhos, e os homens, com as pontas de projétil e bolas de boleadeiras. Os restos de fauna encontrados nos sepultamentos são de três categorias: 1) peças dentárias, placas de tartaruga e mandíbulas, objetos específicos de oferenda; 2) restos ósseos, deixados como alimento ritual para o morto; e 3) restos de comida consumida pelos participantes do ritual. Também se encontram enterramentos de cachorros (cannis familiares) nos aterros ou próximo a esses.



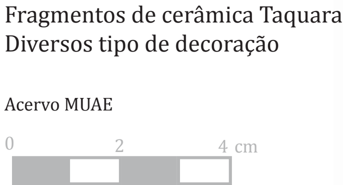
Pontas de projétil de quartzo
Tradição Vieira

Acervo MUAE

0 2 4 cm







Fragmentos de cerâmica Taquara
Diversos tipo de decoração

Acervo MUAE

0 2 4 cm





Zoólito - escultura lítica representando Tubarão
Artefato lítico típico de sambaqui, encontrado em Capão do Leão,RS; fora de seu contexto original.

Coleção Carla Rosane Duarte Costa
Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ – UFPEL

OS PESCADORES E COLETORES DA PLANÍ CIE LITORÂNEA
OS CONSTRUTORES DE SAMBAQUIS

Após se estabelecerem na planície costeira, os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul desenvolveram uma cultura bastante diferente daquela do interior do estado, perfeitamente adaptada ao novo ambiente litorâneo. A pesca se tornou, nesse momento, mais importante para a subsistência dessas populações do que a caça de grandes mamíferos. No litoral norte – onde hoje se encontram cidades como Tramandaí e Torres – os remanescentes desses antigos pescadores são marcos bastante visíveis na paisagem: os sambaquis.

Sambaquis são montes de conchas que formam “colinas” artificiais, algumas com impressionantes dimensões, atingindo 70 m de altura e 500 m de comprimento. Por que os antigos pescadores do litoral acumulavam esses montes de conchas ainda é um mistério: vários dos maiores sambaquis parecem ter sido monumentos funerários. Esses não atingiram as dimensões que possuem hoje de uma só vez, mas através de muitas gerações, cada uma enterrando seus mortos e acrescentando um pouco mais de conchas por cima.

O ambiente em que essas populações viviam, entretanto, era muito diferente do litoral atual. Vale lembrar que quando os primeiros povoadores chegaram ao Rio Grande do Sul, no fim da era glacial, o nível do mar era muito mais baixo e a planície costeira mais extensa do que hoje. Contudo, por volta de seis mil anos atrás, quando os primeiros sambaquis começaram a ser construídos, a Terra passava por um período mais quente e o mar avançava por áreas que hoje estão descobertas. Assim, os sambaquis que hoje estão em terra, se encontravam na época de sua construção, praticamente à beira mar.



Área de dispersão dos sítios arqueológicos construtores de sambaquis

Estes sítios estende-se desde a região sudeste, onde há datações mais antigas estão entre 8.000 e 6.000 A.P., até a região sul. No Rio Grande do Sul as datação mais antiga é do Sambaqui do Camping, no município de Capão da Canoa, datado aproximadamente em 3.500 A.P.

Destaque para o **Sambaqui do Recreio**, localizado no município de Torres, datado aproximadamente em 3.400 A.P. e Sambaqui de Xangrilá, o maior do Estado, localizado no município de mesmo nome. Os sambaquis dos RS apresentam característica muito peculiar no que se refere a sua implantação na paisagem, pois foram construídos sobre imensos cordões de areia que ao longo do tempo formaram a costa gaúcha e originaram os diversos lagos e lagoas do nosso litoral. Assim, os habitantes dos sambaquis tinham acesso tanto as recursos provenientes do mar, quanto dos lagos e lagoas.





1

1. Espátulas (artefatos provavelmente produzidos para abrir moluscos bivialves)
2. Vestígios de alimentação

Acervo MUAE





2



2

Os artefatos encontrados nos sambaquis diferem muito daqueles dos caçadores do interior do estado. Se neste, os arqueólogos encontram pontas de flecha para a caça de grandes animais, no litoral são mais comuns os objetos relacionados ao modo de vida de pescador. Artefatos feitos de osso, como anzóis, e de pedra polida, como pesos de rede, são algumas das ferramentas características desses antigos povoadores da planície costeira.

OS SEPULTAMENTOS NOS SAMBAQUIS

Os construtores dos sambaquis praticavam um ritual funerário complexo. Homens e mulheres, adultos e crianças eram sepultados muitas vezes acompanhados de objetos e adornos feitos de conchas e outros materiais. Os corpos eram pintados com minério de ferro, deixando manchas vermelhas ao redor dos esqueletos encontrados pelos arqueólogos. Alguns indivíduos eram sepultados com objetos bastante elaborados – pequenas estatuetas conhecidas como "zoólitos".

OS ZOÓLITOS

São estatuetas em forma de animais, cuidadosamente elaboradas em pedra polida. Várias aves marinhas, peixes, tubarões e outros animais com os quais os antigos pescadores do litoral conviviam diariamente aparecem representados nessas estatuetas. Sua função ainda é desconhecida: seriam símbolos, "totens" dos diferentes clãs a que pertenciam as pessoas sepultadas? Essas estatuetas apresentam geralmente uma cavidade que pode ter servido para misturar unguentos.



Zoólito - escultura lítica representando Ave Columbiforme
Artefato lítico típico de sambaqui, encontrado em Capão do Leão,RS; fora de seu contexto original.

Coleção Carla Rosane Duarte Costa
Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia
LEPAARQ – UFPEL



Pesos de Rede

Acervo MUAE





Moedor com mão de pilão

Acervo MUAE













1. Dentes usados como afiadores
2. Pingente em osso
3. Cinzéis de osso
4. Espinhas de peixe com hiperostoses
5.

Acervo MUAE





Machados Semilunares polidos
Objetos de uso ritual ou de prestígio. Grupo Jê.

Acervo MUAE

CAÇADORES COLETORES DO PLANALTO DAS ARAUCÁRIAS

OS CONSTRUTORES DAS CASAS SUBTERRÂNEAS

Há cerca de dois mil anos, migrantes do cerrado do Brasil central chegavam aos campos de cima da serra no Rio Grande do Sul. São os povos falantes de línguas da família "Jê", que criaram uma cultura própria caracterizada por grandes alterações na paisagem natural através de construções de terra – tanto para moradia quanto para enterramento.

O vestígio mais característico dos antigos habitantes do planalto são suas habitações, conhecidas como "casas subterrâneas", que são depressões escavadas no solo, com abertura variando de 2 a 20 m. No interior das casas, os arqueólogos encontram fogueiras, artefatos de pedra lascada e polida, cerâmica e, às vezes, cascas de pinhão queimado – um importante alimento na dieta dessas populações.

Praticavam uma agricultura incipiente, plantando milho e moranga. Caçavam a rica fauna terrestre e coletavam raízes e frutos, dentre estes o pinhão, alimento abundante na região. Fabricavam cerâmicas com rica decoração, com formas variadas, as quais utilizavam para cozinhar alimentos, armazenar água e a farinha de pinhão. A produção da farinha do pinhão era feita através de sua maceração com o auxílio das mãos de pilão, instrumentos líticos polidos.

Alguns sítios arqueológicos do planalto são formados por muros de terra em forma de círculos, que os moradores atuais da região chamam de "danceiros". Esses eram espaços usados para cerimônias que reuniam grandes grupos: uma delas, praticada até o século XX, era a da iniciação dos meninos na vida adulta, que envolvia a perfuração de seus lábios para inserir um adorno – chamado "tembetá".



Área de dispersão dos sítios arqueológicos construtores de casas subterrâneas

Os sítios **RS-A-8**, localizado em Bom Jesus, e **SC-U-6**, localizado em Itapiranga (SC), marcam o início da ocupação do planalto por populações de caçadores e coletores, datados, respectivamente, em 8.000 e 6.000 AP.

A partir de 2.000 AP, populações ceramistas vindas do Brasil Central chegam ao planalto. Esses novos habitantes são conhecidos por sua complexa engenharia de terra, construindo casas subterrâneas, montículos e aterros. No sítio RS-AN-3, localizado em Bom Jesus, foram encontradas 4 casas subterrâneas e um aterro construído em torno delas. As casas foram ocupadas entre 1.070 AP e 370 AP; igualmente o sítio **Ari 1** (RS-PE-41) corresponde a um conjunto de casas subterrâneas localizadas no município de Pinhal da Serra, atualmente há um projeto que pretende transformar a área em um parque aberto para visitações.



A ocupação do Planalto das Araucárias ocorre por volta 6000 AP, no vale do rio das Antas, em Bom Jesus. Estes caçadores e coletores levantavam acampamentos a céu aberto em meio às matas nas margens dos rios.

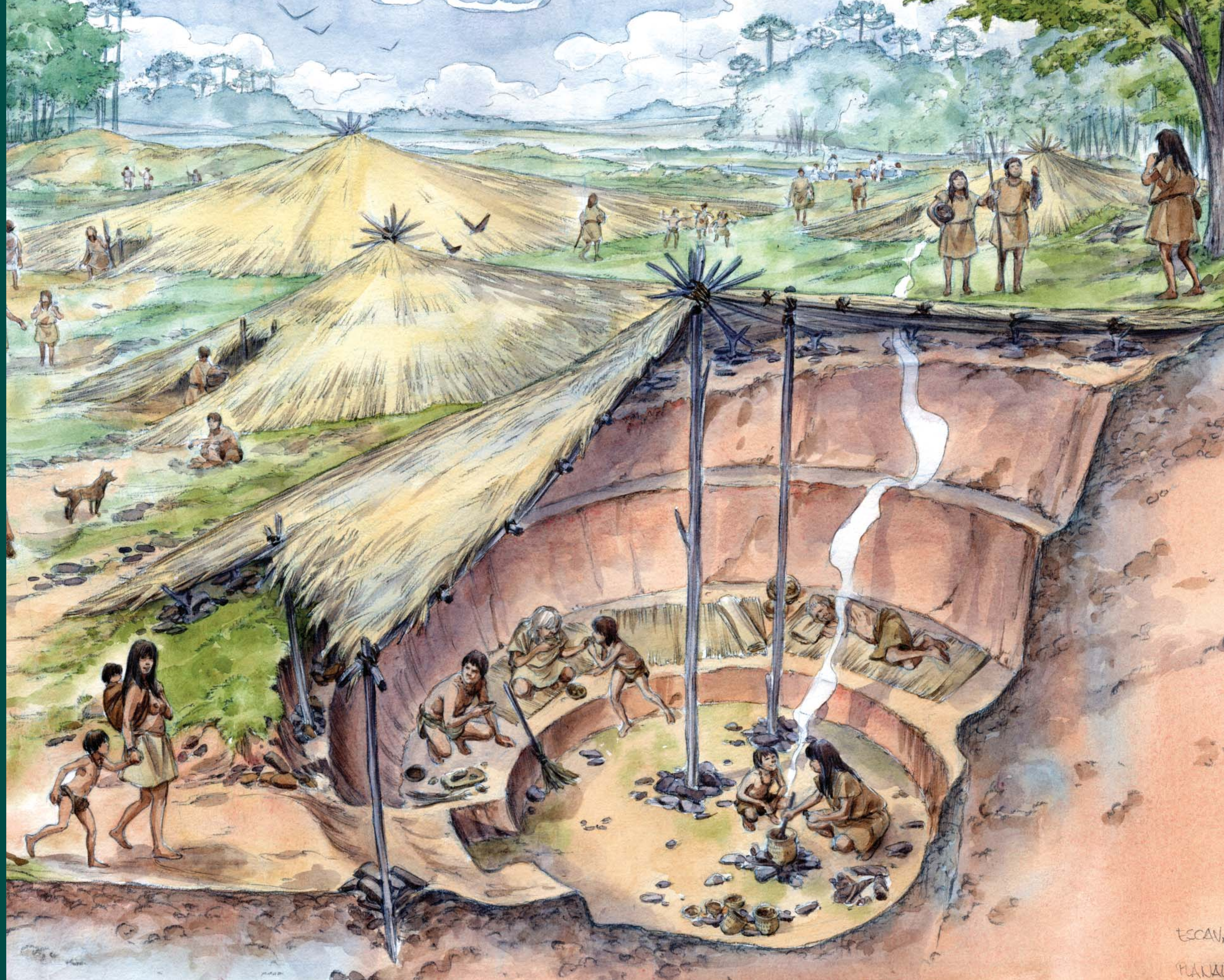
A vegetação exuberante da floresta de araucárias proporcionava-lhes recursos tanto abundantes quanto diversificados. Além da caça, pesca de peixes e a coleta de moluscos, dispunham de grande variedade de frutas, raízes e vegetais, como o pinhão – alimento abundante na região durante o outono.

AS CASAS SUBTERRÂNEAS

Com uma tecnologia bastante simples, os antigos habitantes do planalto criaram uma arquitetura sofisticada. Suas casas eram escavadas no chão, com forma circular, muitas vezes com uma pequena bancada para as pessoas se sentarem e realizarem suas atividades. No centro, um aprofundamento servia de lugar para a fogueira. Pouco se sabe sobre o teto dessas habitações, já que a madeira não se preserva. Os arqueólogos, às vezes, encontram os buracos e as pedras que sustentavam os postes do telhado. Seria o telhado amarrado nos troncos dos pinheiros?

As casas podem aparecer isoladas ou em grupos. Existem no estado algumas aldeias com muitas casas, algumas ultrapassando 40 unidades. Embora existam casas grandes, outras são depressões muito pequenas, que dificilmente cabe um indivíduo, e, que talvez, não fossem habitações. Seriam “silos” para armazenar o alimento durante os rigorosos invernos da região?

Algumas casas, por outro lado, são muito grandes. Nelas, ao invés de uma única fogueira, os arqueólogos encontram várias fogueiras lado a lado. É possível que nessas casas vivessem muitas famílias, que fossem espaços para reuniões ou, ainda, que fossem residências de indivíduos importantes onde “convidados” se reuniam.



Estes povoadores produziram grandes e pesados artefatos líticos lascados, como machados de mão bifaciais (trabalhados dos dois lados), picões, raspadores, plainas e artefatos bifaciais curvos similares a um bumerangue (bumerangóides). Sua finalidade teria sido a derrubada da mata e posterior trabalho sobre a madeira, talvez para construção de canoas, dentre outros implementos. Poderiam também ter sido utilizados para escavar o solo para extração de raízes e tubérculos comestíveis.



Artefatos líticos bulmerangóides
Caçadores coletores do planalto

ACERVO MUAE

0 2 4 cm







1

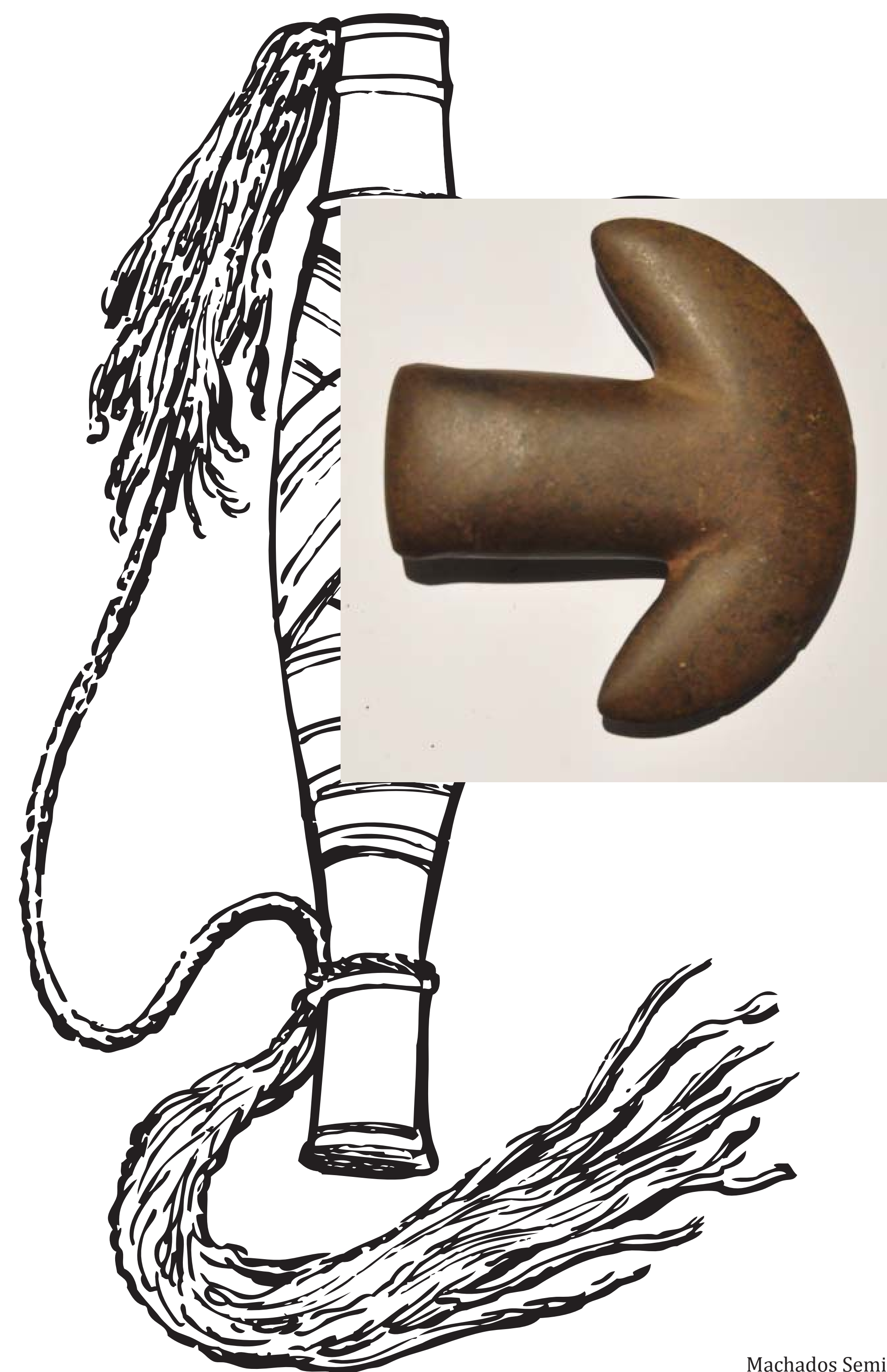


2

1. Machados de mão
2. Plaina

Acervo MUAE

0 2 4 cm

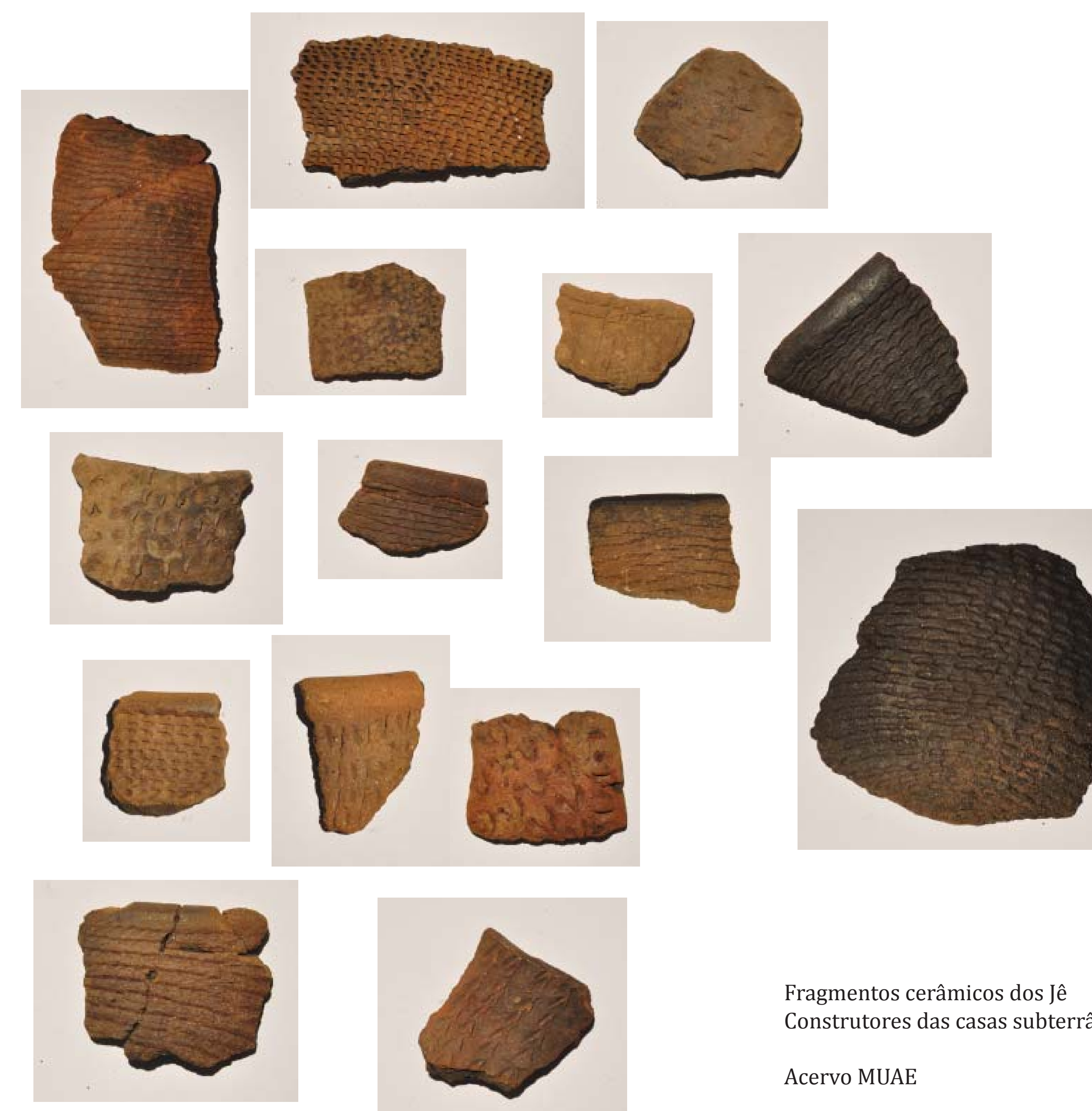


Machados Semilunares polidos
Objetos de uso ritual ou de prestígio. Grupo Jê.

Acervo MUAE

A CERÂMICA DAS CASAS SUBTERRÂNEAS

A cerâmica encontrada no planalto é conhecida pelos arqueólogos como "Tradição Taquara" em homenagem ao primeiro município onde foi estudada. São vasilhas muito pequenas e finas, de coloração escura e, às vezes, polida. Algumas vasilhas apresentam decorações feitas com instrumentos pontiagudos quando a argila ainda estava mole: traços em linhas paralelas ou zigue-zague e pontos são os mais comuns. Também se decorava a cerâmica envolvendo-a com cestos para deixar uma espécie de "impressão" dos trançados. Junto com os mortos, eram depositadas pequenas vasilhas muito bem feitas como oferendas, talvez contendo alimento e bebida para o falecido.



Fragmentos cerâmicos dos Jê
Construtores das casas subterrâneas

Acervo MUAE



AS INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO PLANALTO SUL BRASILEIRO

O COMEÇO: O PROJETO DE PESQUISA

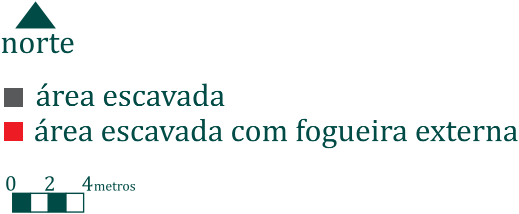
Em 1999, a equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica – NuPArq/UFRGS iniciou um projeto de pesquisa, dirigido pela arqueóloga Silvia Moehlecke Copé, para mapear os sítios arqueológicos existentes numa área de 1500 km² no município de Bom Jesus, RS. Além do levantamento de todos os sítios existentes dentro dessa área, o projeto visava estudar, através da escavação de alguns sítios arqueológicos, o modo de vida das sociedades que ali viveram.

COMO ENCONTRAMOS OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS?

Nessa área piloto foram encontrados 53 sítios arqueológicos, desses, 44 são constituídos de conjuntos de estruturas semissubterrâneas (mais conhecidos como casas subterrâneas ou buracos de bugre), 2 são superficiais a céu aberto com material lítico e cerâmico (fundo de cabanas que formavam uma aldeia), 2 grutas e, ainda, 2 constituídos de um depósito de terra e 3 possuem cordões/muros de terra.

Achamos os sítios percorrendo a pé ou de automóvel toda a área e perguntando aos proprietários das terras sobre a existência de material arqueológico. Os arqueólogos chamam essa etapa de descoberta de sítios de prospecção de reconhecimento, a qual pode ser uma prospecção superficial (percorrendo a área a pé para procurar evidências arqueológicas na superfície do solo), uma prospecção aérea (sobrevoo da área e/ou análise de fotos aéreas ou de satélites), a prospecção sob a superfície (tradagens e cortes estratigráficos) e geofísica (equipamentos de teledetecção).

SÍTIO RS -AN-03
INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS



A ESCOLHA E ESCAVAÇÃO DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Escolhemos escavar o sítio RS-AN-03, composto de 4 estruturas escavadas no solo e um grande depósito de terra, porque estava mais bem conservado e mais próximo da cidade. Das 4 estruturas denominadas Casas A, B, C e D, elegemos 2 estruturas que possuíam tamanhos diferentes – Casa C com a abertura de 8 metros x 3 metros de profundidade e Casa A de 18 metros de diâmetro e 6 metros de profundidade.

O primeiro passo para a escavação foi a escolha de um local com boa visibilidade da área total do sítio, onde foi colocado o Ponto Zero que serviu para amarrar todos os demais pontos de controle do trabalho e estender uma malha de quadriculamento (quadrículas de 1m X 1m). Elaboramos um croqui planimétrico, como o da Figura 1, e o sítio estava pronto para ser escavado. Cada quadrícula é escavada separadamente e todos os achados são registrados no diário de quadrícula onde constará a posição exata de cada objeto e de seu estrato arqueológico, ou seja, um registro tridimensional dos objetos.

A distribuição horizontal dos artefatos e das estruturas viabiliza a identificação de áreas de atividades específicas como a de produção de peças líticas e cerâmicas, do seu uso para caçar, cortar carne, preparar a madeira, cozinhar entre outras atividades e a de descarte dos artefatos, como as lixeiras. A distribuição vertical analisa as mudanças no tempo através do estudo da estratigrafia. A sequência de fotos abaixo mostra a escavação da Casa A.

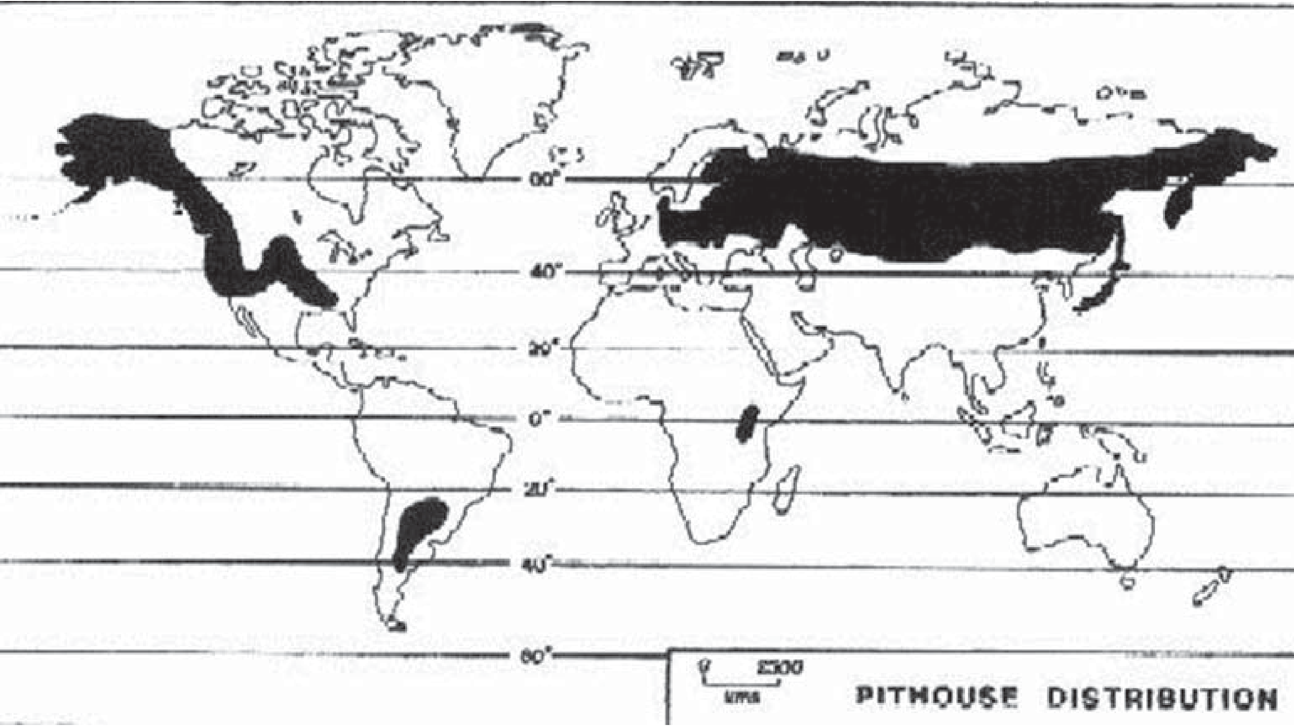
A INTERPRETAÇÃO ARQUEOLÓGICA: OS RESULTADOS

A Casa C foi escavada na sua totalidade e conseguimos compreender o processo construtivo: construídas no basalto decomposto, as paredes formam um amplo degrau onde ocorrem as atividades de repouso e de lazer, no centro rebaixado da casa há uma fogueira esquentando seus habitantes e a comida que estava na vasilha achada dentro do fogo, o telhado era sustentado por postes, evidenciados pelos buracos e pedras no solo e nas bancadas.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os dados coletados em campo foram cruzados entre si e com os dados existentes na literatura arqueológica disponível. Constatamos que a prática de escavar o solo como processo construtivo de casas, fogueiras, silos, sepulturas, depósitos de lixo, sistema defensivo/fossos é mais comum que se imagina e o encontramos espalhado por todo o globo e em todos os períodos da trajetória humana. Abaixo, o mapa de Murdock (Ethnographic Atlas de 1967) mostrando a distribuição de casas subterrâneas no mundo.

Observamos que a decisão de determinados grupos humanos de escavar o solo para construir estruturas depende de variáveis que podem influenciar isoladamente ou, como é muito provável, em conjunto. Entre as razões atribuídas pelos diversos autores consultados e a nossa experiência, a construção de moradias semienterradas ou enterradas estaria condicionada pela sua localização (latitude, altitude, clima) destacando sua qualidade térmica, pelo tipo de relevo, pelas matérias-primas disponíveis no meio ambiente, pelo desenvolvimento técnico exigido para a manipulação das matérias-primas e edificação, pela necessidade de defesa ou camuflagem, para atender as necessidades criadas pelas mudanças econômicas e a evolução nas relações sociais e políticas.















Cerâmica pintada

Acervo MUAE

A CHEGADA DOS AGRICULTORES TUPIGUARANI

Há mais ou menos dois mil anos, migrantes da Amazônia chegavam ao Rio Grande do Sul. São os povos falantes de línguas da família "tupi-guarani". Esses grupos adaptaram o modo de vida originário da floresta amazônica ao ambiente do estado e se dispersaram através dos grandes rios, como o Uruguai e o Jacuí, onde as florestas são mais densas e assemelham-se a seu território de origem. Nesses locais, os povos Tupiguarani praticavam a agricultura de "coivara", típica das florestas tropicais: queimavam uma parte da mata e, em meio às cinzas e troncos caídos que serviam para fertilizar o solo, plantavam mandioca, milho, batata-doce, cará, amendoim, abóboras, feijão e outros cultivos, quase todos de origem tropical.

Os vestígios de habitações são formados por grandes manchas de terra preta com muitos fragmentos de cerâmica. As manchas aparecem isoladas ou em grupos, formando aldeias. O acúmulo de material orgânico (lixo) e a própria decomposição da madeira e palha que compunham as casas dá ao solo uma coloração muito escura que o arqueólogo facilmente reconhece. Existem manchas com até 80 m de comprimento, dando uma ideia das dimensões dessas grandes casas que abrigavam várias famílias. A cerâmica é o vestígio mais característico dos povos Tupiguarani, e apresenta elaborada decoração, incluindo pinturas. Ao redor das casas, e mais raramente dentro delas, os arqueólogos muitas vezes encontram urnas funerárias. Os corpos eram enterrados e quando só restavam os ossos eram desenterrados e depositados dentro das urnas. Os arqueólogos chamam isso de "sepultamento secundário".

Área de dispersão dos sítios arqueológicos dos horticultores Tupiguarani

Os sítios desse grupo ameríndio estão disperso por todo o estado, habitaram principalmente as regiões próximas à várzea dos grande rios, local propício para suas plantações. Destaque para os sítios **Candelária 01 e 02**, no município de mesmo nome, representantes de duas grandes aldeias junto ao rio Pardo e seus tributários; o sítio **Scapini**, no município de Ibarama, representando um sítio cemitério onde encontrou-se diversas urnas funerárias; além dos sítios **RS-MJ-88**, localizado no município de Agudo, e **RS-VZ-4**, localizado no município de Cândido Godói, datados respectivamente em 1.800 A.P. e 1.200 A.P.





A CONFECÇÃO DOS ARTEFATOS CERÂMICOS

O mais importante artefato recuperado pela arqueologia é a cerâmica. Os recipientes, cerâmicos eram confeccionados para buscar, guardar e servir água, para preparar e distribuir bebidas fermentadas de milho e mandioca e para armazenar produtos e cozinhar alimentos. Os recipientes maiores, depois de velhos e inúteis, serviam ainda para enterrar os mortos, que eram cobertos por panelas e acompanhados de tigelas com alimentos e bebidas.

A cerâmica era feita pelas mulheres que necessitavam para os afazeres da casa de recipientes com tamanhos e formas diferentes: as grandes talhas de pescoço estreitado, que podiam atingir 1m de bojo e altura para a fermentação e conservação de bebidas para as festas coletivas; as úteis panelas de boca expandida, que podiam alcançar até 30 cm de abertura para cozinhar; e, um grande número de pequenas tigelas para servir alimentos e bebidas.

Essas peças eram decoradas com padrões característicos dos Guarani: as utilitárias e de uso diário tinham a superfície externa lisa ou coberta com impressões regulares provenientes da pressão da polpa do dedo, da borda da unha ou do uso de estilete. Formando um conjunto melhor elaborado, outras eram pintadas, às vezes, com um vermelho uniforme, mas geralmente com desenhos geométricos variados em vermelho ou preto sobre uma base branca. Do barro também eram feitas contas de colares e cachimbos para inalação de fumo, cultivado desde muito tempo.







Urna funerária
Decoração plástica escovada

Acervo MUAE



Urna funerária
Decoração plástica pintada

Acervo MUAE



Urna funerária
Decoração plástica ungulada

Acervo MUAE



Urna funerária
Decoração plástica corrugada

Acervo MUAE













3



1



2



2

1. Cerâmica com decoração mamilar
2. Cerâmica Guarani Lisa
3. Fragmentos cerâmicos pintados
4. Cerâmica com decoração ungulada
5. Cerâmica com deocração escovada

Acervo MUAE





4



4



5



5



Maceradores
Acervo MUAE









Os artefatos de pedra eram mais abundantes nos arredores das aldeias. Foram encontrados lâminas de machados, enxós e cunhas polidas ou lascadas que serviam para atividades específicas, como o corte e trabalho na madeira. Em algumas áreas encontraram numerosas lascas de calcedônia ou ágata, que, sem nenhum retoque, são extremamente cortantes e apresentam evidentes sinais de utilização no corte de materiais moles, como carne ou couros.











Machadinhas
com simulação de encabamento.
Acervo MUAE





Machado de mão
com simulação de encabamento.

Acervo MUAE







Fragmento de machado circular polido. Acredita-se que a peça foi partida ao meio em decorrência da morte de seu possuidor. Metade do artefato pode ter sido depositado como oferenda na sepultura daquele que o utilizou em vida, sendo a outra metade descartada.

Acervo MUAE





ORNAMENTOS

Além dos colares de contas feitas de cerâmica, os homens usavam sobre o peito pequenas plaquetas de pedra polida, de forma oblonga ou semicircular, presas no pescoço por um cordel. Também serviam como adorno dentes de animais, macacos, onças, capivaras, ou colares feitos com rodelas de casca de caramujos. Nas aldeias eram encontrados, com frequencia, os tembetás de quartzo polido em forma de T, que os homens usavam numa perfuração do lábio inferior como símbolo de sua virilidade. Geralmente estão associados a pequenos fragmentos de arenito com desgastes em forma de canaletas ligadas à produção dos tembetás.

1. Cachimbo
2. Tembetá

Acervo MUAE



1



2

OS PRIMEIROS CONTATOS COM O COLONIZADOR EUROPEU

Quando os primeiros viajantes europeus percorreram o litoral gaúcho e aventuraram-se pelo Rio da Prata encontraram populações Guarani e, graças a eles muitas vezes, obtiveram o que comer .

A bibliografia etno-histórica disponível permite afirmar que aproximadamente 200.000 pessoas falavam Guarani no Rio Grande do Sul no tempo da conquista européia. Estavam distribuídos por todas as áreas de mata subtropical, que se estende ao longo do rio Uruguai e seus afluentes, ao longo do Rio Jacuí e seus tributários, ao longo da costa marítima e suas lagoas.

Os Guarani, a partir do século XVII, foram incorporados às reduções jesuíticas, colocando sua habilidade artesanal aos serviços da arte barroca. Reconhecidos pela sua grande capacidade de manejo agrícola e grandes concentrações populacionais eram alvo de constantes investidas dos bandeirantes paulistas, que os levou ao extermínio. Os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai deram origem aos atuais municípios gaúchos e suas ruínas remanescentes são importantes provas da nossa riqueza histórica como as ruínas de São Miguel, consideradas Patrimônios da Humanidade pela Unesco.

Os caçadores e coletores Charrua e Minuano, nos séculos XVI e XVII, mantiveram sua identidade cultural inalterada apesar da incorporação de elementos da economia colonial, como o cavalo utilizado para locomoção e alimento, e de participar da vida política e militar colonial, apoiando ora portugueses, ora espanhóis nas guerras de fronteira. Pressionados pela ocupação definitiva do seu território, os Charrua e Minuano se aliaram em 1730 para resistir à frente expansionista do branco. Por persistirem na manutenção de seu modo de vida em circunstâncias completamente modificadas, foram praticamente exterminados pelo exército uruguaio em 1832, sobrevivendo muito poucos indígenas.

No planalto sul-rio-grandense habitavam populações Kaingang e Xokleng da família lingüística Macro-Jê. No século passado, com a chegada de novas ondas migratórias européias que se instalaram na encosta e no planalto gaúcho, começaram os conflitos com esses grupos tradicionais habitantes da região. Os Kaingang e Xokleng, hoje, estão confinados em reservas que lhes foram destinadas no norte do Estado.

As frentes colonizadoras portuguesas e espanholas pressionaram essas populações modificando radicalmente seus modos de vida.

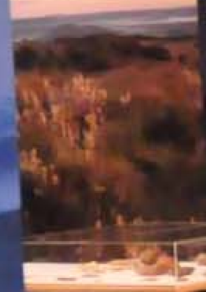

A CHEGADA DOS AGRICULTORES





Rio Jaguarão
Rio Camaquã
Rio Jacuí
Rio das Antas
Rio Caí
Rio dos Sinos
Rio Gravataí
Lagoa Mirim
Lagoa dos Patos
caçadores pescadores e coletores




12000 ANOS DE HISTÓRIA- ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

Reitor:
Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor e Pró-reitor de Coordenação Acadêmica:
Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Extensão:
Sandra de Deus
Vice-pró-reitora de Extensão:
Claudia Porcellis Aristimunha

Pró-reitor de Planejamento e Administração:
Ário Zimmermann

Vice-pró-reitor de Planejamento e Administração:
Luís Roberto da Silva Macedo

Superintendente de Infraestrutura:
Alberto Tamagna

Vice-superintendente de Infraestrutura – Obras:
Sílvio Henrique Bersagui

Vice-superintendente de Infraestrutura – Manutenção:
Edy Isaias Junior

Secretário de Comunicação Social:
Ricardo Schneiders da Silva

Vice-secretária de Comunicação Social:
Édina Rocha

Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas:
Soraya Maria Vargas Cortes
Vice-Diretora: Claudia Wasserman

Diretora do Museu da UFRGS:
Claudia Porcellis Aristimunha

Curadoria:
Profa. Dra. Sílvia Moehlecke Copé
Equipe Museu da UFRGS

Assessoria Técnica Científica:
James Macedo Barreto
Mariane Moreira da Silva
Jonas Gregório de Souza (colaboração)

Equipe Museu da UFRGS:
Berenice Machado Rolim
Carla Cassel da Silva
Cidara Loguercio Souza
Claudia Porcellis Aristimunha
Jose Geraldo Vieira da Costa
Lígia Ketzer Fagundes
Luciana Teixeira Costa
Maria Aparecida Pires Nunes
Maria Cristina Padilha Leitzke
Maria Cristina Pons da Silva
Milene Linden da Rocha
Equipe projeto educativo Museu da UFRGS:
Carla Cassel da Silva
Cidara Loguercio Souza
Lígia Ketzer Fagundes
Maria Cristina Padilha Leitzke
Milene Linden da Rocha

Organização e Revisão do Catálogo
Projeto educativo exposição:
Carla Cassel da Silva
Cidara Loguercio Souza
Lígia Ketzer Fagundes
Maria Cristina Padilha Leitzke
Milene Linden da Rocha

Bolsistas do Museu da UFRGS:
Frederico Lisboa
Gabrielle Santos de Paula
Jonathan Bernicker Becker
Leida Maria Cantanhêde
Maria Ricken de Medeiros
Thiago Lanzarin
Pamela Camila da Silva Fontoura
Felipe Silva Milanezi
Larissa Mattei de Oliveira
Giovanna Furtado
Eduardo Taborda

Equipe Infraestrutura Museu da UFRGS:
André Vieira Santos
Claudio de Jesus Kanieski
Fabiana Julianotte Trisch
Luciana Carvalho de Oliveira

Realização:
Museu da UFRGS
Núcleo de Pesquisa Arqueológica da UFRGS - NUPARQ
Sociedade Brasileira de Arqueologia

Produção:
Museu da UFRGS

Coordenação de Montagem:
Berenice Machado Rolim
Luciana Teixeira Costa

Design e cenografia da exposição:
Ceres Storchi
Adriana Tazima

Colaboração:
Emily Borghetti
Laura Hagel

Identidade visual e projeto gráfico catálogo:
Adriana Tazima

Ilustrações exposição e catálogo:
Ana Luiza Koehler

Vídeo:
UFRGSTV

Maquete:
Valdoir Costa
Tecmov

Estratigrafia:
Marcelo Moreira
NovaImagem - Cenografia&Arte

Crédito de fotografia:
Ceres Storchi p.70.
Erica Moehlecke Copé p. 56.
Fábio Del Re p. 25 e capa.
Mariana Cabral p.
Nico Rocha p. 60.
Rafael do Canto p. 18, 22,29,30,31,32,33, 42, 51, 53, 54, 55, 60,61, 62, 63, 64, 65, 66, 74, 75, 76, 77, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 108, 110 e 112.
Silvia Moehlecke Copé p.

Procedência dos acervos arqueológicos:
MUAE - Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia da UFRGS
Museu de Ciencias e Tecnologia da PUCRS
LEPAARQ - UFPel

Agradecimentos especiais:
Superintendência de Infraestrutura/SUINFRA
Diretor do Setor de Suprimentos e Logística:
Claudio Antonio S. Gonçalves

Glézia Martins (secretária)
Grupo Frota UFRGS – Direção e equipe

Equipe Técnica e Administrativa Prefeitura Campus Centro: Camilo Canto de Bem, José Souza do Nascimento, Luiz Carlos da Rosa, Luis Fernando Taborda, Mara Maria Soares Camargo, Marilda Balbinot Dias e Paulo Marques Medina.

Equipe Marcenaria: Valério S. Brum (chefe), Adilson Gotardo, Alvadi Gotardo, Aneci Vargas, Anibal Alves,Claiton Brum, Diógenes Nunes, Diogo Cardozo Azevedo, Francisco Régis Silveira, Jonas de Vargas, Joyce Paulo F. de Oliveira, José Oscar Monteiro, Marcelo F. Rocha, Rubens de Oliveira, Willian Conceição Rodrigues.

Equipe Pintura: Ilton de Aguiar Martins (chefe), Ricardo Tavares Demultti, João Silveira do Prado e José Ronaldo Dias da Cruz.

CECLIMAR – Direção e equipe
Museu Ciência e Tecnologia da PUCRS – Direção e equipe

LEPAARQ /UFPel - Coordenação e equipe

Instituto Anchietano de Pesquisas / UNISINOS – Direção e equipe

Esta publicação foi concebida a partir da exposição
"12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História
do Rio Grande do Sul" realizada no Museu da UFRGS
no período de 22 abril de 2013 a 14 de março de 2014.

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Campus Centro
Porto Alegre, RS

12000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul (2013-2014 : Porto Alegre, RS)

12000 Anos de História: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul/ catálogo da exposição organizado pelo Museu da UFRGS. -- Porto Alegre: UFRGS, 2013.

116 p.: il., fotos. (Série catálogos das exposições, 4)

Exposição realizada pelo Museu da UFRGS, de abril de 2013 a março de 2014, com curadoria de Silvia Moehlecke Copé e Museu da UFRGS. Textos de Silvia Moehlecke Copé, James Macedo Barreto e Mariane Moreira da Silva. Ilustrações de Ana Luiza Koehler e fotografias de Rafael Antunes de Castro.

1. Arqueologia – Rio Grande do Sul. 2. Pesquisa arqueológica - UFRGS - Exposição. I. Copé, Silvia Moehlecke. II. Barreto, James Macedo. III. Silva, Mariane Moreira da. IV. Koehler, Ana Luiza. V. Castro,Rafael Antunes de. VI. Museu da UFRGS.

CDU 930.1(063)
902(816.5)(063)

Catalogação-na-publicação: Biblioteca Central/UFRGS

Nesta edição respeitou-se o novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa

Todos os direitos reservados
© Silvia Moehlecke Copé
© Museu da UFRGS